

E D U A R D O S E N S

Domingo

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020



O importante não é a casa onde moramos.
Mas onde, em nós, a casa mora.

— MIA COUTO

NO NÚMERO VINTE E DOIS da rua Rio Branco, com duas laranjeiras encurvadas pelo peso de final de estação, um terreno grande acolhe a casa do conhecido Domingo José Moretti. Do tempo da engenharia de tijolos cozidos no quintal, em que não se falava de vergalhões de ferro, a varanda de lajotas vermelhas canta canções italianas por um acordeão rouco. Todas as janelas parecem solfejar. Nenhuma voz acompanha. São só os foles soprando para preencher os mil e tantos metros quadrados de área encravada na floresta de jovens arranha-céus de Santa Bárbara. Domingo acaba de voltar do cemitério, aquela aglomeração de sepulturas irregulares apertadas no centro da cidade, depósito das almas e dos ossos de antigos amigos, dos parentes mais velhos, das pessoas que mais amou.

No poste em frente à casa, outra construção ocupa o seu espaço. Um ninho redondo voltado para o norte, com a entrada protegida das chuvas outonais acostumadas a cair enviesadas. Erguido um mês atrás a bicadas miúdas de argila amolecida e pequenos fiapos de palha, o bloco de

barro atrapalha o sinal de comunicação dos cabos sobre os quais foi erguido. Agitadas com a presença dos técnicos e das suas escadas, do aço das ferramentas anunciando um drástico porvir, as aves que acabaram de ser desalojadas pelos homens da companhia elétrica se postam para uma decisão. É um ato de desespero, embora a sentença seja comum a todos os figurantes daquele pequeno retrato de um século passado: o João-de-Barro de penas desarranjadas no peito, como se fosse uma vasta cabeleira recém-acordada, cacareja mais uma vez e então empurra o filhote do poste, de onde ele próprio voa em busca de alimento. Por sorte, no instinto, o animalzinho bate as asas ainda cobertas de penugem para a direção correta, alcança uma janela e ali se agarra às tabuinhas marrons da persiana escancarada. Ele está apavorado, basta ver sua cabeça procurando inteirar-se de todas as cores, sons e texturas à sua volta.

Num pulo, já dentro da casa, com as pernas pequenas demais para seu corpo, a ave alcança o quarto e prossegue explorando o ambiente. Nenhum movimento. Ela se sente segura para descer as escadas, embora o frio das lajotas seja estranho aos seus pés. Lá embaixo o acordeão chacoalha subindo escalas alegre. É uma melodia conhecida. Desde antes de romper a casca, os baixos daquele acordeão ressonavam ribombando pela boca do ninho e alcançavam o pequeno e aconchegante útero calcificado nas entranhas da sua mãe, o ovo que agora, rompido, tem sua casca

abandonada no fundo do ninho destruído pela espátula cortante do electricista pendurado no poste. Sorte a da ave não haver outros animais no ambiente que agora explora. O espaço está livre.

O pequeno João-de-barro segue a música e a luz do sol e se depara com as costas esguias do vulto humano que toca concentrado, enquanto aprecia o movimento se reduzindo na rua naquele fim de tarde de sábado. Domingo calça uma pantufa de couro forrada de lã, dessas de velho campesão de ovelhas que nunca foi. Na cabeça, a boina italiana se alinha sobre os seus olhos verdes, os mesmos olhos que conseguem exprimir pura bondade e curiosidade ao mesmo tempo — talvez, já houve quem dissesse, por causa das sobrancelhas fartas de homem de bem, de velho contador de histórias. É naquele espaço que vibram as palhetas do acordeão, em compassos marcados pelo magro pé direito.

Movendo-se desconfiado — apesar dos poucos dias de vida, já sabe que é vulnerável —, o João-de-barro se aproxima como um dançarino de tango dos pontos amarelos no chão, perto do pé que comanda o ritmo. São farelos brilhantes de milho. Caíram das mãos do homem do acordeão, aquele senhor alto de colete de lã que meia hora antes havia alimentado os pássaros na calçada defronte à sua casa, como há mais de meio século faz, todos os dias.

A ave se aproxima em pulinhos. O instinto a faz rastrear as ameaças com giros rápidos do pescoço. Assim que

se aproxima o suficiente, cisca o primeiro farelo e volta a girar a cabeça, conferindo o entorno, numa curiosidade medrosa. Torna a ciscar uma, duas, três vezes. Não há muito ali, apenas a poeira grossa do que sobrou das roupas e da mão daquele homem. É o suficiente, no entanto, para algumas horas a mais de vida, para esperar pela comida que a mãe trará e lhe enfiará diretamente no papo. Isso se o encontrar.

O relógio da igreja badala. O sol daqui a pouco baixará para abrir espaço à umidade da noite. Talvez ao parar de tocar para acender a luz da varanda, Domingo encontre outra ocupação e esqueça do acordeão. Ignorando as dúvidas da cabeça daquele homem, e olhando para a calçada que ali está, tão perto, o joão-de-barro focaliza outras aves. O pescoço levanta a cabeça, curioso. São rolinhas, dezenas delas, todas de pelo eriçado para parecerem maiores, gravitando ansiosas por sobre punhados daquela mesma farinha, da quirera que o dono da casa, o compenetrado tocador de acordeão, coloca na calçada para alimentar os seus bichinhos.

Novas aves chegam. Um pedestre afugentou as demais, que batem as asas só para guardar uma distância de segurança. Todas então voltam, as mais velhas ainda no chão, de onde nem saíram, porque abalar-se por apenas um pedestre de passos lentos não justificava nem ao menos o curto voo. Olhando para tudo aquilo, o filhote tem vontade de

se lançar para junto delas. Parece mais farta a refeição assim posta aos punhados, embora a concorrência de cidade grande transforme aquele momento em uma tensa liquidação de loja de departamentos, com cada ave defendendo o seu quinhão. Ele vasculha mais uma vez o entorno. A cabeça se torce em ângulos oblíquos. Mas, no momento em que finalmente decide alcançar o grupo, uma motocicleta entra na rua esgaçando o motor pelo escapamento aberto e descompassa o acordeão, assusta as rolinhas, põe fim à música e ao momento de prazer de Domingo.

— Che maleducato...

O velho diz na verdade para si mesmo, no susto, e acompanha com os olhos a moto mal conservada subir em direção ao bairro. O piloto tem um boné na cabeça dentro do capacete, com a aba virada saindo por trás. Os pés desprotegidos em havaianas gastas combinam com a bermuda larga que o tecido sintético faz parecer ainda mais colorida.

Domingo se arrepende da imprecação. Não convém. E, coitado, com esse frio andando de moto — pensa. Só então pouisa as duas mãos sobre o acordeão, como se precisasse de um apoio onde repousar o queixo e pensar em questões tantas vezes pensadas quanto as mortes dos jovens em cima desses tão frágeis símbolos de masculinidade.

O ruído logo se distancia. As rolinhas voltam. O João-de-barro desapareceu em algum canto do quintal. É tarde

para mais uma música. Domingo se volta para dentro da casa, pela varanda:

— Lurdinha, vamos colocar a mesa pra um café?

A esposa mantém silente o sorriso no rosto.

— Vamos, Lurdinha? Depois tenho que assinar aquela papelama que o Cadu trouxe. Acho melhor assinar logo, tu não acha?

Ele estala os dentes com a língua e pisca um dos olhos descansados quando se volta para a mulher. E abre o sorriso que herdou do pai, uma boca enorme de homem, dizia Lurdinha, quando, namorada ainda, apreciava os contornos angulosos do rosto do futuro marido. Domingo então toma conta da cozinha e prepara o café. A toalha branca de bolinhas vermelhas e suas bordas gastas, as duas xícaras, o pão de milho e a manteiga.

É o que basta como refeição.

É o suficiente para aquecer o peito.

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em maio de 2020.

Livros iluminam